

AS INFLUÊNCIAS OCIDENTAIS NAS PRODUÇÕES DOS CONHECIMENTOS DOS ESTUDANTES AFRICANOS NA UNILAB

Vladimir da Costa¹

Luís Tomás Domingos²

RESUMO

As sociedades africanas sofreram uma enorme transformação com expansão europeia entre os séculos XV e XVI. As bases epistemológicas, metodológicas e teóricas da produção do conhecimento de um homem africano assemelham-se com a do Ocidente. Os africanos não tem como fugir das influências ocidentais, uma vez que os idiomas usados para produzir os saberes são do cunho ocidental. Já se passaram centenas de anos, contudo o modo de produção dos conhecimentos do homem africano continua a alimentar-se da fonte ocidental. Isso nos leva a questionar os interesses ocidentais com relação à epistemologia africana. Neste trabalho, objetiva-se compreender as influências ocidentais nas produções dos conhecimentos dos estudantes africanos do Instituto de Humanidades na UNILAB/CE. Também entender os desafios que os estudantes de IH enfrentam na disciplina de Estudos africanos. O presente trabalho é de abordagem qualitativa, tem o caráter descritivo e analítico e é de cunho bibliográfico. Os artigos escolhidos foram lecionados em duas disciplinas: Estudos Africanos e Sociologia Africana II. Como resultado do nosso trabalho, percebe-se que uma das influências mais visíveis na produção do saber africano é o uso exclusivo de línguas europeias como veículo de expressão científica que reforça esta alienação, segundo HOUNTONDJI. Partimos do pressuposto que o Ocidente sempre estará influenciando as produções dos estudantes africanos dentro da África e nas diásporas, uma vez que o ocidente tem mais números de pesquisadores tanto nos Estudos Africanos, assim como nas outras áreas. Apresenta-se como o maior desafio dos estudantes africanos fazer uso das referências nos seus trabalhos acadêmicos, ou as metodologias utilizadas terem que corresponder com a realidade africana, pois é difícil pensar num saber que não foi aceito no mundo científico.

Palavras-chave: estudante africano; Unilab; influência ocidental; produção; conhecimento.

ABSTRACT

African societies underwent an enormous transformation with European expansion between the 15th and 16th centuries. The epistemological, methodological and theoretical bases of the production of knowledge by an African man are similar to that of the West. Africans cannot escape Western influences, since the languages used to produce knowledge are Western in nature. Hundreds of years have passed, however, the African man's way of producing knowledge continues to feed on Western sources. This leads us to question Western interests

¹ Discente de UNILAB, Instituto de Humanidades, Bacharel em Humanidades Interdisciplinar, e Licenciado em Sociologia, e-mail: dacostavladimir71@gmail.com

² Docente (Orientador), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, e-mail: luis.tomas@unilab.edu.br

O presente artigo é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para à obtenção de título de Licenciado em Sociologia.

regarding African epistemology. In this work, the aim is to understand Western influences on the knowledge production of African students at the Humanities Institute at UNILAB/CE. Also understand the challenges that IH students face in the African Studies discipline. This work has a qualitative approach, is descriptive and analytical in nature and is bibliographic in nature. The chosen articles were taught in two disciplines: African Studies and African Sociology II. As a result of our work, it is clear that one of the most visible influences on the production of African knowledge is the exclusive use of European languages as a vehicle for scientific expression, which reinforces this alienation, according to Hountondji. We assume that the West will always be influencing the productions of African students within Africa and in the diasporas, since the West has more researchers in both African Studies and other areas. The biggest challenge for African students is to make use of references in their academic work, or the methodologies used have to correspond with the African reality, as it is difficult to think of knowledge that has not been accepted in the scientific world.

Keywords: African student; Unilab; western influence; production; knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Os estudantes africanos que estudam na UNILAB sobretudo no Instituto de Humanidades já tiveram uma educação influenciada pelo Ocidente. A forma de produzir conhecimentos da maioria vem dos currículos ocidentais. Percebe-se que, as pesquisas realizadas sobre África, são do próprio interesse ocidental. Nisso, entende-se que elas não são para africanos, mas sim, tornar hegemônicas intelectualmente no mundo.

A pesquisa objetiva-se em compreender as influências Ocidentais nas produções dos conhecimentos dos estudantes africanos do Instituto de Humanidades na UNILAB/CE; também entender os desafios que os estudantes africanos de IH³ enfrentam na disciplina de Estudos africanos. E descrever as habilidades dos estudantes africanos de IH nas desconstruções dos conhecimentos influenciados pelo Ocidente.

O continente africano é conhecido como berço da humanidade, onde as coisas começaram a ter sentido, sobretudo, a produção do saber endógena, que hoje não é tão valorizado como conhecimento científico. Atualmente, para produzir algo ligado ao saber no mundo acadêmico, tem de ser referenciado para legitimar o saber. Para um estudante produzir o saber na academia, ele depara com muitas dificuldades, uma vez que os materiais encontrados para elaboração do trabalho são maioria dos autores ocidentais. Segundo DOMINGOS (2017, p.194) “ao longo do século XIX, a ideia Pan-africana enriqueceu-se e consolidou-se para encontrar soluções diante das circunstâncias difíceis que estavam envolvidos os então Africanos

³ Instituto de Humanidades.

e Afrodescendentes, na Diáspora”. A disciplina do Estudo Africano e da Sociologia Africana II, contribuíram muito nessa reflexão de entender as manobras ocidentais no que tange os modos de produção dos conhecimentos científicos nas academias contemporâneas. Cursando as duas disciplinas do curso de Sociologia, me abriram novos horizontes de compreender e aplicar as técnicas metodológicas para produzir um saber que vai além do modelo padrão Ocidental, refiro neste caso o saber endógeno baseado na oralidade. Nas sociedades africanas a oralidade é o método mais eficaz na preservação das histórias passadas por gerações.

A escolha desta temática centraliza-se em três (3) eixos principais: a relevância pessoal, a relevância acadêmica e a relevância social. Na relevância pessoal justifica-se em duas (2) razões: primeiro, é uma temática inspirada nas duas disciplinas, Estudos Africanos (Prof. Dr. Luís Tomás Domingos) e Sociologia Africana II (Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho). Os textos selecionados nessas duas disciplinas despertaram em mim o interesse pela escolha do tema deste artigo; segundo visa compreender e conhecer mais profundo os estudos e formas de produzir saber do povo africano, sobretudo as suas dinâmicas sociais e bases epistemológicas, metodológicas. É visto que, os africanos não tem como fugir das influências ocidentais, uma vez que os idiomas usados para produzir os saberes são do cunho ocidental. Já se passaram centenas de anos, contudo o modo de produção dos conhecimentos do homem africano continua a alimentar-se da fonte ocidental. Isso nos leva a questionar os interesses ocidentais com relação à epistemologia africana.

No âmbito acadêmico, justifica-se pelo fato de ser uma temática discutida no campo de Estudos africanos. Com isso, trazemos novos olhares no que tange a epistemologia dos estudantes africanos/as do Instituto de Humanidades. Esta pesquisa não só é importante para nós refletimos sobre estudos africanos, mas também desconstrói os estereótipos sobre epistemologia ou modos de produção dos estudantes africanos do IH. E nesse âmbito, essa pesquisa pode tornar-se referência bibliográfica para futuros pesquisadores e pesquisadoras no processo de construção do seu objeto de estudo, sobretudo, no campo de Estudo Africano e no processo do desenvolvimento dos seus trabalhos acadêmicos.

No âmbito social, o trabalho vai contribuir e ampliar o conhecimento na Universidade e nas sociedades africanas e nas academias que sustentam o pensamento africano e afro-diásporo, trazendo as questões relevantes na filosofia africana. Esta temática além de concentrar-se na área de estudos africanos, dialoga também com temáticas como espaços, cosmovisões e identidades múltiplas. Certamente, esses estudos irão contribuir

significativamente para melhor compreender o tema de pesquisa que está associado a diversos fatores políticos, sociais e culturais.

O tema visa contribuir socialmente com o conhecimento para compreensão do assunto sobre a problemática na qual envolve influências do Ocidente no modo de produção de conhecimentos dos estudantes africanos/as do Instituto de Humanidades, de modo a preservar o legado deixado pelos seus antepassados, no que tange a tradição oral, no qual a pesquisa terá como objeto norteador: fomentar as discussões sobre alguns acontecimentos sobre este assunto.

1.1 Problematização sobre Estudos Africanos

A África até hoje está no centro dos estudos e dos debates acadêmicos. Muitos escreveram que a África só passa a ter história com a invasão européia do século XVI, e, este discurso tem sido alimentado por vários estereótipos de que o continente africano não tem capacidade de demonstrar mudanças, sobretudo, o desenvolvimento. Segundo Nkolo Foé (2013, p.179) apud (HEGEL, 2009) a África era vista como um Continente sem história. “Que ela não demonstra nem mudança nem desenvolvimento”. Que os povos negros “são incapazes de se desenvolver e de receber uma educação” e que “eles sempre foram tal como os vemos hoje”. Esse pensamento eurocêntrico demonstra-nos como o Ocidente se usufruiu de um poder hegemônico sobre o continente africano.

Já se passaram 500 anos e existem várias produções sobre o Continente africano e o povo africano. E nas algumas produções não descreveram como a África é, uma vez que distorceram a verdade sobre tal. Quando se fala que não existe filosofia africana, isso demonstra que o Ocidente não reconhece, ou seja, menosprezam as formas de pensar, de agir e de criar conhecimentos dos povos africanos. Este comportamento do Ocidente que Boaventura de Souza Santos chama de epistemicídio⁴, que “trata de destruição de formas de conhecimento e culturas que não são assimiladas pela cultura do Ocidente⁵”.

Este trabalho traz reflexão sobre as influências do Ocidente nas produções dos conhecimentos dos estudantes africanos do Instituto de Humanidades na UNILAB/CE. E

⁴ “Epistemicídio” é um termo criado pelo sociólogo e estudioso das epistemologias do Sul Global, Boaventura de Sousa Santos, para explicar o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo ‘saber’ ocidental. Esse processo é fruto de uma estrutura social fundada no colonialismo europeu e no contexto de dominação imperialista da Europa sobre esses povos”. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/epistemicidio-e-o-apagamento-estrutural-do-conhecimento-africano/>. Acesso no dia 15 de abril de 2024

⁵Disponível em: <https://www.anpg.org.br/2019/04/epistemicidio-o-que-contribui-para-tornar-o-negro-invisivel-na-academia/>. Acesso no dia 15 de abril de 2024

também traz novas formas metodológicas para produzir conhecimento numa cosmologia africana. Para fundamentar essa reflexão, o Professor BasÍlele Malomalo, no seu artigo publicado em 2017 sobre Estudos Africana ou Novos Estudos Africanos: Um campo em processo de consolidação desde a diáspora africana no Brasil, traz uma narrativa bem elaborada no que tange ao Estudo Africano que é o propósito da nossa pesquisa. MALOMALO (2017, p.32), mostra-nos uma perspectiva que é necessária, que “as práticas de produção de conhecimentos africanos antecederam historicamente os chamados centros ou institutos de Estudos Africanos. Além disso, há conexões históricas entre os saberes endógenos pré-coloniais e contemporâneos, apesar de a África ter passado por processo de dominação árabe-islâmica ou ocidental”.

Ainda MALOMALO (2017, p.32) mostra que,

Estudos Africanos se apresentam, então, na forma de estabelecer a genealogia desses estudos e de concentrar o seu campo de estudo somente sobre a África dissociada de suas diásporas. A falácia da construção da genealogia dos saberes africanos pelos Estudos Africanos funciona como dispositivo para compreender esses saberes somente a partir do surgimento dos seus centros no Ocidente. Para quebrar esse estratagema, os intelectuais negros têm trabalhado no sentido de se reconhecer a genealogia dos saberes negro-africanos desde a Antiguidade até a contemporaneidade africana.

Desde sempre os intelectuais africanos procuram várias formas de pensar além da perspectiva Ocidental. A História Geral da África conta com oito (8) volumes, e cada um traz visão construtiva da história do continente africano que passou por um trágico processo colonial. A produção da obra tem a concepção de desmistificar os estereótipos causados pelos colonos. Portanto, nesse artigo, pretendemos traçar no campo de debate acadêmico com questões que possamos fomentar no que refere às influências do Ocidente na construção de uma epistemologia africana na UNILAB, que são: quais estratégias ou metodologias que foram usadas na produção de História Geral da África? Será que, com essa produção é suficiente para desconstruir os estereótipos plantados durante o processo colonial na África? Os povos africanos são incapazes de produzir saberes como disse (Ocidente)? Essas questões vão nos ajudar a desenvolver o trabalho para no fim respondê-las.

1.2 Procedimento Metodológico

O presente artigo tem como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa de caráter descritivo e analítico, de cunho bibliográfico e exploratório, uma vez que o trabalho se encontra ligado aos fenômenos sociais de Estudos Africanos. A pesquisa qualitativa, segundo CRESWELL (2010) e Guerra (2014), visa analisar e compreender o sentido que uma

determinada sociedade concede a um fenômeno ou acontecimento que ocorre dentro dela. Também para os dois autores, MARCONI e LAKATOS (2010), a metodologia de pesquisa qualitativa busca analisar e interpretar de maneira mais profunda os aspectos que condicionam a complexidade da conduta humana. Em outras palavras, ela propõe extrair o sentido dos hábitos, atitudes e tendências das sociabilidades e seus condicionantes. Por outro lado, objetiva descrever as características dos fenômenos (sócio-histórico e político) e estabelecer relações entre materiais de estudo. Trata-se de um estudo de caso. Conforme GIL (2010) e PRODANOV (2013, p. 60) o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou mais objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. No caso da presente proposta de estudo, tende-se a delimitar investigação sobre as formas de produção de conhecimento dos estudantes africanos/as do Instituto de Humanidades na UNILAB/CE, através do olhar epistemicídio Ocidental na produção de conhecimento endógenos.

Referente à coleta e análise de dados, primeiramente, foi feita a pesquisa bibliográfica desenvolvida através da leitura e análise das produções escritas dos principais autores: Hampâté Bâ (A tradição viva, 2010), Didier N. Kaphagawani e Jeanette G. Malherbe (epistemologia africana, 2002), Roquinaldo Ferreira (A institucionalização dos Estudos Africanos nos Estados Unidos, 2010), Paulin J. Hountondji (Conhecimento de África, conhecimento de Africanos, 2008), Olufemi Táíwò (O que são “Estudos Africanos”? 2016), Luís Tomás Domingos (Entre estigmas e traumas da violência (2017); A pesquisa bibliográfica, Segundo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.69), os dados são obtidos a partir de obras escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são materiais escritos, impressos em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas.

O desenvolvimento deste trabalho está dividido em três (3) seções: Na primeira seção, falamos sobre as influências do Ocidente nos estudos africanos; na segunda seção, abordamos sobre modos de produção de conhecimento dos estudantes africanos do Instituto de Humanidades (IH); na terceira seção, tratamos sobre as construções de novos saberes africanos do IH na UNILAB/CE; O olhar sobre grades curriculares de Instituto de Humanidades (BHU e Sociologia) e por último as considerações finais.

2 AS INFLUÊNCIAS DO OCIDENTE NOS ESTUDOS AFRICANOS

O Ocidente dominou o mundo em todas as esferas sociais, na política, na economia e na cultura. Tudo tem sido conduzido, de uma forma hierarquizada, dentro dos países ditos não desenvolvidos. Nas academias africanas, sobretudo na Guiné-Bissau, a maioria dos materiais

didáticos ou os currículos são idênticos aos dos Ocidente. Nota-se que, na as disciplinas sofrem uma influência ocidental. Max Assimeng (1997), vai alimentando essa ideia de que:

Os estudantes africanos não têm podido participar plenamente dos debates sociais e culturais que constituem a propriedade analítica central da teoria social e política. Em geral, eles permanecem “estrangeiros” psicológicos e intelectuais em relação às controvérsias teóricas e aos contextos sociais em que essas rivalidades se originaram adquirir relevância e significado [...]. Em geral, a teoria social tem sido apresentada em universidades africanas como se fosse uma exclusividade europeia, tanto em termos dos pensadores que são discutidos quanto das ideias constitutivas que são abordadas. Os estudantes africanos leem o pensamento social de Auguste Comte, Adam Smith, Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. Mas será que eles também não deveriam aprender alguma coisa do pensamento social de africanos sobre a natureza e a direção das relações sociais? (ASSIMENG, 1997, p. 278).

Este discurso leva-nos a questionar, quais são os objetivos dos Ocidentais para estudos africanos? Se formos responder a essa pergunta, poderiam surgir várias outras perguntas, uma vez que o modo de produção do conhecimento dos Ocidentes, é de forma capitalista dominante, e quando eles produzem algo, sabem de antemão que os países colonizados vão apropriar desse conhecimento. Nisso, percebe-se que “as produtividades dos países dominados passam a ser incorporada com a dos dominadores”, segundo TÁÍWÒ (2016, p.1648). As duas disciplinas (Estudo Africano e Sociologia Africana II), nos mostram que a África tem Centros de Pesquisas de alta qualidade, mas no Ocidente apresenta mais números dos Centros de pesquisas sobre os estudos africanos. Isso foi comprovado com a forma que o Ocidente investe muito no aquilo que lhes interessam.

O principal objetivo dos Ocidentes sobre estudos africanos, na minha concepção, é tornarem-se superiores intelectualmente no mundo. A forma ou modo de produzir o conhecimento são guiadas pelas necessidades e interesse de conhecer as dinâmicas e formas administrativas da África, como afirma o TÁÍWÒ.

[...] as atividades de produção do conhecimento são guiadas pela necessidade de conhecer a África. Ainda assim, “a necessidade de conhecer a África” em si pode ser motivada por diversos fatores. Para aqueles estudiosos que se envolvem em estudos africanos por se podemos citar, entre várias outras motivações, o avanço pessoal nas suas carreiras acadêmicas, interesse político, até mesmo fascínio irracional pelo assunto da África, pelos africanos e seu mundo. Para as motivações de fundações, governos e outras agências que financiam a produção do conhecimento em estudos africanos, podemos nos referir ao interesse deles em conhecerem o terreno da África para ajudar a facilitar as relações da América ou do Canadá com a África e seus habitantes, ou sua amizade com eles ou exploração deles (TÁÍWÒ, 2016, p.1651-1652).

É importante ressaltar que, os ocidentais investem muito para realizações das pesquisas, pois sabem que o resultado ajudaria a chegar mais longe nas conquistas dos territórios dos

dominados. A disciplina de Estudo Africano e da Sociologia Africana II, nos faz perceber que a questão da geopolítica facilitou o Ocidente a ir além das fronteiras, como destaca FERREIRA.

Na realidade, a relação entre geopolítica e produção de conhecimento não é uma singularidade norte-americana. Na Inglaterra, como demonstra John Fage, um dos principais nomes da historiografia africanista inglesa, as ciências sociais – sobretudo a antropologia – foram peças chaves para entender e melhor dominar sociedades africanas (FERREIRA, 2010, p.79).

As influências ocidentais inserem-se em todas as partes das histórias contadas sobre povos africanos. Uma das grandes influências dos Ocidentes no modo de produção do conhecimento africano, segundo HOUNTONDJI (2008, p.157) “o uso exclusivo de línguas europeias como veículo de expressão científica reforça esta alienação”. Assim sendo, esta afirmação convence-nos que é difícil produzir um trabalho científico sem que haja participação dos Ocidentes, já que eles estão no centro da toda produtividade do conhecimento intelectual.

HOUNTONDJI (2008, p.157), argumenta que “a maioria dos nossos artigos é publicado em revistas científicas sediadas fora de África, destinando-se, portanto, a leitores não africanos. Mesmo quando publicamos em África, a verdade é que as próprias revistas académicas africanas são mais lidas fora do que dentro de África”. Já podemos entender que, o conhecimento do ocidente é inevitável em qualquer produção científica, principalmente nas ciências humanas e sociais. Alguns dos países africanos continuam a reproduzir o mesmo pensamento eurocêntrico, isso faz o ocidente mais poderoso de todo mundo, visto que eles estão em todas as produções feitas por estudantes africanos, por dentro e por fora da África.

A disciplina de Estudos Africanos (IH) do curso de Sociologia, nos propõe diversos estudos desenvolvidos sobre África. Também nos permite analisar, refletir e discutir sobre resultados de pesquisas interdisciplinares sobre as sociedades africanas, suas problemáticas, desdobramentos e influência manifestados no continente africano e no exterior. O estudo da África, tal como foi desenvolvido até hoje, por uma longa tradição intelectual colonial, faz parte de um projeto abrangente de acumulação do conhecimento iniciado e controlado pelo Ocidente. A disciplina propõe uma nova orientação epistemológica decolonial, crítica à colonialidade contemporânea.

3 MODOS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DOS ESTUDANTES AFRICANOS DO INSTITUTO DE HUMANIDADES

Ter nascido na África não é suficiente para entender toda história africana, mas precisamos estudar para compreender todas as dinâmicas sociais. Um estudante africano na UNILAB, sobretudo no Instituto de Humanidades, enfrenta os desafios que o curso lhe

proporciona, uma vez que os textos lidos lhe provocam a ter uma visão crítica das coisas. Quando um estudante africano sair do seu País para ingressar na UNILAB, muitos têm ideia que os estudos serão como do que haviam acostumados nas universidades africanas. O TÁÍWÒ vai-nos dizer que:

[...] muitos dos estudiosos africanos que chegaram recentemente têm ideias muito definidas do que deveria ser o estudo da África e das suas metas e metodologias adequadas. Estas ideias geralmente não convergem com as de estudos africanos no MOPC americano que eles vieram encontrar. Independentemente de onde estes estudiosos tiverem estudado, eles foram treinados nas disciplinas tradicionais, então eles estão acostumados a se verem como cientistas políticos, sociólogos, historiadores, economistas e assim por diante em vez de como “africanistas” (TÁÍWÒ, 2016, p.1663).

Os principais objetivos dos estudantes africanos do Instituto de Humanidades é estudar para desconstruir estereótipos que os Ocidentais agregaram para ser superiores aos povos colonizados, segundo TÁÍWÒ (2016, p.1664) sustenta que, “muitos destes acadêmicos são motivados por considerações mais relacionadas com as necessidades e exigências dos Modos de Produção de Conhecimentos (MOPCs) que eles adquiriram e deixaram para trás na África e com as metas e os objetivos que eles definiram para eles próprios dentro dos seus locais anteriores”.

Poderíamos acrescentar que, a tarefa epistemológica de um africano segundo KAPHAGAWANI e MALHERBE (2002) diz respeito à racionalidade.

A racionalidade é a qualidade que nos permite alcançar nossos 4 objetivos e agir com sucesso; ela nos ajuda a negociar o ambiente físico imediato; ela é o meio pelo qual somos capazes de formar uma imagem razoavelmente precisa do nosso mundo; é a estrutura com a qual interpretamos e compreendemos o comportamento dos outros. (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002, p.03-04)

O modo de produção do conhecimento africano baseia-se em um saber empírico, que vem sendo transformado em um saber científico para desconstruir os pensamentos eurocêntricos e implantar uma nova visão sobre África. A racionalidade nos aproxima-nos dos novos conhecimentos que o mundo tem a nos oferecer, mas só pode ter efeito quando direcionamos o nosso saber a restauração de uma epistemologia africana, segundo KAPHAGAWANI e MALHERBE, afirmam que:

A racionalidade está intimamente ligada ao conhecimento. A menos que tenhamos uma imagem verdadeira e confiável de como as coisas são no mundo ao nosso redor - a menos, isto é, que nós tenhamos o conhecimento do mundo - é improvável que tenhamos sucesso em agir. O conhecimento é o meio pelo qual podemos direcionar nosso comportamento para alcançar nossos objetivos de maneira mais eficiente e bem-sucedida. A racionalidade que nós humanos buscamos é a racionalidade epistêmica ou racionalidade que visa à verdade e é baseada sobre o conhecimento (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002, p.04).

Sendo assim, KAPHAGAWANI e MALHERBE (2002, p.05), ressaltam que, “é importante que sejamos capazes de fazer isso para podermos construir uma identidade intelectual coesa para nossa sociedade. Construir uma identidade que atenda às demandas particulares do nosso contexto cultural único”. O modo de produção do conhecimento africano na diáspora deve seguir o padrão para manter o saber ancestral (tradição oral), que é alicerce de todos os conhecimentos, os quais sustentam as pesquisas ocidentais sobre África.

4 AS CONSTRUÇÕES DE NOVOS SABERES DOS ESTUDANTES AFRICANOS DO INSTITUTO DE HUMANIDADES

O modo de produção do conhecimento dos estudantes africanos do IH está sendo frutífero, pois a UNILAB é uma das instituições que tem uma política construtiva, que ensina os alunos a enxergar com olhos críticos e valorizar os saberes tradicionais (oralidade). Podemos entender essa importância da oralidade nas formas que os estudantes da UNILAB produzem os seus trabalhos de conclusão de cursos, trazendo as suas vivências sociais para construir novos saberes científicos. O Hampâté Bâ mostra-nos que o ser humano nasce e herda os saberes ancestrais. Esses saberes não vêm só da escrita, mas sim da oralidade, que vem sendo passado de gerações a gerações. E atualmente esses saberes servem de base epistemológica africana para encarar novos desafios acadêmicos. Ainda autor cita o Mestre Tierno Bokar que disse assim:

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente, Tierno Bokar apud (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.167).

Só a partir desse trecho que percebemos que o saber não vem só da escrita, mas sim do conhecimento que apropriamos durante as nossas relações com a sociedade. O autor mostra-nos que:

Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p.168).

Há muitos anos os saberes africanos foram minimizados ou rejeitados nas academias ocidentais, visto que priorizam mais os saberes ditos científicos do homem branco ou mulher branca. Essa é a luta principal dos africanos e afrodescendentes, de desconstruir as mentes colonizadas para implantar novos saberes e histórias africanas nas universidades. Para que haja eficácia na nova construção do saber africano, devemos valorizar a cultura para manter a

identidade social, que liga com toda racionalidade epistêmica africana, segundo KAPHAGAWANI e MALHERBE, sustentaram que:

Se queremos moldar uma identidade social e ética distinta, devemos resistir ao apelo da assimilação cultural (geralmente a assimilação de uma cultura dominante por parte de todas as outras), [...]. Por outro lado, devemos nos assegurar que nossa cultura africana esteja viva e progredindo, renovando-se ao descartar práticas e ideias desgastadas, pegando o que é preciso de outras culturas para se adaptar às circunstâncias de mudança (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002, p.06).

A tradição cultural africana alimenta-se do saber ancestral que nos ajuda a relacionar o homem com a natureza, e toda a capacidade dinâmica de tudo que tem vida. Muitos estudiosos, antropólogos e sociólogos ocidentais sempre falharam na compreensão da tradição africana e das suas religiões, uma vez que eles se consideram civilizados, e os africanos são primitivos. Essa visão Ocidental foi alimentada por vários anos, argumentam que o continente africano só teria entrado na história com ação colonizadora. Está evidente que, o modo como África é vista no mundo, passa por um processo marcante do colonialismo cultural, que hoje vem sendo um desafio nas academias africanas que são influenciadas por estereótipos venenosos das mentes.

O foco na produção de novos saberes, centraliza-se na desconstrução dos estereótipos Ocidentais e avançar com as ideias de criação de um saber tradicional africanas sem desvalorizar o conhecimento do Ocidente, pois o nosso estudo deve seguir com padrão dimensional que vai além das fronteiras geopolíticas. Conforme HOUNTONDJI,

Os estudos africanos em África não deveriam contentar-se em contribuir apenas para a acumulação do conhecimento sobre África, um tipo de conhecimento que é capitalizado no Norte global e por ele gerido, tal como acontece com todos os outros sectores do conhecimento científico. Os investigadores africanos envolvidos nos estudos africanos deverão ter uma outra prioridade: desenvolver, antes de mais, uma tradição de conhecimento em todas as disciplinas e com base em África, uma tradição em que as questões a estudar sejam desencadeadas pelas próprias sociedades africanas e a agenda da investigação por elas direta ou indiretamente determinada. Então, será de esperar que os acadêmicos não-africanos contribuam para a resolução dessas questões e para a implementação dessa agenda de investigação a partir da sua própria perspectiva e contexto histórico (HOUNTONDJI, 2008, p.158).

HOUNTONDJI (2008), sempre mostra que seria bom que as coisas acontecessem dentro da África e não fora dela. Isso vai provocar os pesquisadores africanos na diáspora que produzam os conhecimentos sobre África, com instrumentos que priorizam os interesses ocidentais, desde as temáticas abordadas e os próprios trabalhos que são publicados nos periódicos ocidentais. Por isso, HOUNTONDJI vai dizer que:

Há que repor a justiça para o continente negro, fazendo com que todo o conhecimento acumulado ao longo de séculos sobre diferentes aspectos da sua vida, seja partilhado com a gente que lá vive. Há que tomar medidas adequadas no sentido de possibilitar à África proceder a uma apropriação lúcida e responsável do conhecimento disponível, bem como das discussões e interrogações desenvolvidas noutras paragens (HOUNTONDJI, 2008, p.158).

Pensar numa construção de pensamento africano é pensar numa metodologia que vai ser capaz de trazer a própria racionalidade epistêmica de um ser africano. Sabemos que, as sociedades africanas, o passado que constrói o presente, isso foram legados deixados por ancestrais e devem ser respeitados e preservados para construção do saber africano na UNILAB, assim como dentro da África.

Uma questão fundamental a abordar é o que os africanos querem dizer e entendem quando dizem que eles conhecem alguma coisa. Uma análise de alguns aspectos específicos das culturas africanas, incluindo a linguagem (os significados das palavras filosoficamente importantes, estruturas de frases, hábitos linguísticos como provérbios e adágios) e a convenção social (formas tradicionais de resolução de conflitos, educação dos jovens, descobrimento do mundo, usos do conhecimento), sem dúvida, nos ajudaria a chegar a algumas respostas a esta importantíssima questão epistemológica (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002, p.02).

5 GRADES CURRICULARES DE IH⁶ (HUMANIDADES E SOCIOLOGIA)

5.1 Fluxograma da integralização curricular do BHU⁷

1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	3º SEMESTRE	4º SEMESTRE	5º SEMESTRE	6º SEMESTRE
Inserção à vida universitária (15h)	Leitura E Produção De Texto II (60h)	Estudo das performances Culturais (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)
Iniciação ao pensamento científico (45h)	Expressões Artísticas Estéticas e contemporâneas (60h)	Experiência, prática e significado (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)
Sociedades, Diferenças e Direitos Humanos nos Espaços Lusófonos (60h)	Metodologia da pesquisa interdisciplinar em Humanidades (60h)	Linguagem, Pensamento crítico e interculturalidade (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)
Leitura E Produção de Texto I (60h)	Território e poder (60h)	Identidade e poder (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)	Optativas BHU ou Segundo Ciclo (60h)	Atividades Complementares (100h)
Estrutura e relação social (60h)	Oficina de Metodologia de Pesquisa I (60h)	Oficina de Metodologia de Pesquisa II (60h)	TCC I (180)	TCC II (180)	Atividades de Extensão (240h)
Núcleo Comum	Obrigatórias	Optativas	Atividade Acadêmica Específica		
Total da Carga horária do Curso			2.400 horas		

Percebe-se que nos componentes curriculares de BHU, não existe disciplina obrigatória que aborda os conteúdos ligados aos estudos africanos. Só obtemos o contato profundo com

⁶ Instituto de Humanidades.

⁷ Fluxograma do Curso de Bacharelado em Humanidades Ceará. Redenção, 2023.

estudos africanos com algumas disciplinas de licenciatura 2ª ciclo de formação de Instituto de Humanidades. A UNILAB, foi criada com o projeto de Integração como a forma de aproximar cada País com as suas dinâmicas de construção dos saberes. Mas, essa política não se aplica no currículo atual do curso de Humanidades (BHU). O curso tem seis semestres e conta com quinze (15) disciplinas obrigatórias sem contar com os TCC. Durante o curso muitos alunos conseguem terminar as disciplinas obrigatórias no terceiro semestre. No quarto (4) semestre, os alunos costumam pegar as disciplinas optativas e mais TCC.

Com maioria dos alunos/as africanos/as no curso de Humanidades, a coordenação do curso e com a diretoria do IH, devem pensar na restauração do currículo que vai responder a demanda de produção dos saberes endógenos africanos e afrodescendentes. Construir um currículo que vai de acordo com a política da Universidade, ajudaria a manter a integração dos países de Língua Portuguesa, e facilitar os estudantes a construírem os seus objetos de pesquisas apontadas aos seus países de origem. Então, o objetivo do curso de Humanidades é formar o estudante a ser um bom pesquisador com olhar interdisciplinar dependendo do seu campo de concentração. Portanto, o currículo do curso deve ser pensado desde já para cumprir com seu objetivo de formar bons pesquisadores.

5.2 Fluxograma da integralização curricular de Sociologia⁸

1º semestre	CH	T	PC	E	P	2º semestre	CH	T	PC	E	P	3º semestre	CH	T	PC	E	P
Filosofia da Ancestralidade e Educação	60	60	-	-	-	Políticas Educacionais, curriculares e descolonização dos currículos	60	60	-	-	-	Sociologia da Educação II	75	60	15	-	-
Psicologia da educação, do desenvolvimento e da aprendizagem I	60	60	-	-	-	Sociologia da Educação I	60	60	-	-	-	Sociologia Africana I	90	60	30	-	-
Teoria Sociológica I	60	60	-	-	-	Teoria Sociológica II	60	60	-	-	-	Teoria Sociológica III	60	60	-	-	-
Sociologia Política	60	60	-	-	-	Metodologia da Pesquisa em Sociologia I	90	60	30	-	-	Metodologia da Pesquisa em Sociologia II	90	45	45	-	-
Sociologia da cultura e das práticas culturais	90	60	30	-	-	Estudos Africanos	75	60	15	-	-	Geopolítica do Poder	90	60	30	-	-
	330	300	30	-	-		345	300	45	-	-		405	285	120	-	-
4º semestre	CH	T	PC	E	P	5º semestre	CH	T	PC	E	P	6º semestre	CH	T	PC	E	P
Didática nos Países da Integração	60	60	-	-	-	Movimentos sociais e Educação	90	60	30	-	-	Libras	60	60	-	-	-
Prática do ensino de sociologia	90	60	30	-	-	Sociologia do desenvolvimento	60	60	-	-	-	Eletiva	60	60	-	-	-
Sociologia Africana II	90	60	30	-	-	Sociologia das relações étnico-raciais	90	45	45	-	-	Eletiva	60	60	-	-	-
Pensamento Social Brasileiro	90	60	30	-	-	Optativa	60	60	-	-	-	Optativa	60	60	-	-	-
Estágio Supervisionado I	100	10	-	-	90	Estágio Supervisionado II	150	10	-	-	140	Estágio Supervisionado III	150	20	-	-	130
Componentes Curriculares fora da sala de aula																	
TCC I	40	20	20	-	-	TCC II	20		20	-	-	-	-	-	-	-	-
-	470	270	110	-	90	-	470	235	95	-	140	-	390	260	-	-	130

⁸ Fluxograma do Curso de Licenciatura em Sociologia. Redenção – Ceará – Brasil, setembro – 2016.

No curso Sociologia existem três (3) disciplinas obrigatórias que falam sobre epistemologia africana que são: Estudos Africanos (2º semestre, com 75h), Sociologia Africana I (3º semestre, com 90h) e Sociologia Africanas II (4º semestre, com 90h).

Entendemos que não faz sentido criar um projeto de um curso onde a maioria dos estudantes são africanos/as, e muitos dos trabalhos de conclusão do curso são direcionados aos seus países de origem (Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe). Essas produções partem de um olhar de desconstruir os estereótipos sobre o continente africano que sofreu uma forte exploração e tortura ao longo dos séculos.

É bom trazer os conhecimentos ditos endógenos para a academia, porque esses conhecimentos são bases da educação de um ser africano. O modo de produção do conhecimento africano baseia-se em um saber empírico que vem sendo transformado em um saber científico para desconstruir os pensamentos eurocêntricos e implantar uma nova visão sobre África. A racionalidade aproxima-nos dos novos conhecimentos que o mundo tem a nos oferecer, mas só pode ter efeito quando direcionamos o nosso saber à restauração de uma epistemologia africana e seguir o padrão para manter o saber ancestral (tradição oral), que é alicerce de todos os conhecimentos, os quais sustentaram e sustentam as pesquisas ocidentais sobre África.

Na minha concepção, o fluxograma da integração curricular de Sociologia deve ser reestruturado para adaptar com realidade dos estudantes africanos. Se observarmos bem na tabela, só poucas disciplinas tratam dos estudos africanos. Se formos ver nos componentes curriculares de outros cursos de IH, deparamos com esse mesmo problema. Por isso, é necessário pensar na melhor forma de contribuir na formação dos estudantes, pois o curso da Sociologia precisa de mais professores para alcançar o principal objetivo de formar profissionais do magistério para a educação básica, nos países lusófonos. Profissionais que valorizem e defendam nos sistemas educacionais e, particularmente nas escolas, o trabalho e as práticas sociais; o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto que o Ocidente sempre estará influenciando as produções dos estudantes africanos do IH, uma vez que o Ocidente tem mais números de pesquisadores tanto nos Estudos Africanos, assim como nas outras áreas. O maior desafio dos estudantes africanos é saber colocar as referências nos seus trabalhos acadêmicos, ou as metodologias utilizadas têm

que corresponder com a realidade africana, pois é difícil pensar num saber que não foi aceito no mundo científico. Para que um estudante africano seja bem-sucedido no mundo acadêmico, deve redobrar esforços para construir novos olhares no espaço acadêmico, o exemplo disso é visto na UNILAB. Muitos quando chegaram à Universidade sentiam-se ofendidos com os textos dados por professores, porém os debates centralizavam-se na escravidão e como os povos negros foram humilhados na história da humanidade. Mas acredito que esses debates amadureceram muitos estudantes com olhares críticos das coisas. Nota-se que a maioria dos trabalhos produzidos na UNILAB parte das experiências vividas num espaço que foi marginalizado e torturado pelo Ocidente.

Dessa forma, o modo de produção do conhecimento dos estudantes africanos do IH na UNILAB percorre uma construção dos saberes ditos tradicionais com valores e identidades. E essa construção de novos saberes não deixa de ser influenciada pelo Ocidente, contudo trazem uma narrativa verdadeira da história do povo africano antes da invasão europeia e como eram administradas as sociedades africanas. Portanto, as teorias dos autores citados no artigo, são de suma importância para produção dos saberes africanos, uma vez que tratam das realidades sociais africanas.

É notório que os indivíduos nunca se separaram com a sociedade, pois as pessoas inserem-se nela. Assim, quando há transformações ou mudanças, as pessoas também mudam. Concluindo que os trabalhos citados contribuíram muito nesse artigo. Ajudaram-nos a pensar em duas formas de produzir conhecimentos acadêmicos: uma na visão antropológica e outra na visão sociológica. Por fim, a construção deste artigo é um desafio enorme para pensar um tema de pesquisa sociológico, que traz conceitos e ideologias para solucionar os problemas que vêm fomentando os debates atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIMENG, Max. **Princípios do Pensamento Social Africano: Remodelando o Âmbito da Sociologia do Conhecimento**. Adaptado dos capítulos 1 a 3 em Foundations of African Social Thought: A Contribution to the Sociology of Knowledge, Accra: Ghana Universities Press, 1997.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

DOMINGOS, Luís Tomás. **Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afro descendência**. São Leopoldo, v. 22, n. 2, p. 190-208, jul. - dez. 2017.

FERREIRA, Roquinaldo. **A institucionalização dos Estudos Africanos nos Estados Unidos: advento, consolidação e transformações**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 59, p. 73-90 – 2010

FOÉ, Nkolo. **África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? “Acomodação de Atlanta” ou iniciativa histórica?** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 175-228, jan./mar. 2013. Editora UFPR

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Editora: Plageder, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. UNA, Belo Horizonte, 2014.

HAMPATÉ BÂ, **A Tradição Viva**. Capítulo 8 In: KI-ZERBO, Joseph; UNESCO. **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Cortez, 2010. Brasília, DF: UNESCO. Pp. 167-212.

HOUNTONDJI, Paulin J. **Conhecimento de África, conhecimento de africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, março 2008: 149-160

KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. **Epistemologia Africana**. New York: Routledge, 2002, p. 219-229. Tradução para uso didático por Marcos Rodrigues.

MALOMALO, Bas'ilele. **Estudos Africanos ou Novos Estudos Africanos: Um campo em processo de consolidação desde a diáspora africana no Brasil**. UNILAB, Revista de Humanidades e Letras ISSN: 2359-2354 Vol. 3 | Nº. 2 | Ano 2017

MARCONI, M. de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo, Atlas S. A. 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª Edição - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Projeto Pedagógico Curricular Curso de Bacharelado em Humanidades Ceará. Redenção, 2023.

Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Licenciatura em Sociologia. Redenção – Ceará – Brasil, setembro – 2016.

TÁÍWÒ, Olufemi. **O que são “Estudos Africanos”? Estudiosos Africanos, Africanistas e a Produção do Conhecimento**. O resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas / Helen Lauer, Kofi Anyidoho (organizadores). – Brasília: FUNAG, 2016.